

EDITORIAL

A DISTÂNCIA, A RECUPERAÇÃO, O JOGO

Não há maneiras únicas e universais de apreciar uma obra de arte, de proceder a uma leitura de texto, ou de montar um espectáculo. Porque não há sensibilidades estéticas idênticas nem esquemas de análise endossáveis nem linguagens facilmente convertíveis nem códigos de transposição unívoca. Há, antes de mais, uma descoberta e o gozo da novidade revelada por essa descoberta. E, depois, há a transposição para uma linguagem nova, acessível à transmissão de uma mensagem no circuito da comunicação.

A recuperação histórica, remontando a linha do tempo, é possível e desejável. Há quem a cultive por gosto, por profissão, por defesa de um esquema aprendido, por convicção, como meio de ir até ao passado e de trazer o passado a um confronto com o presente.

Porém, as coisas, os materiais, os textos existem. Estão aí; felizmente conservam-se ao menos uns tantos. Alguns deles intactos, sem a corrosão do tempo. Outros, com a mácula de uso transmitida pelos séculos. Uns e outros têm uma completude. Na sua irredutibilidade específica, e tanto mais intensa quanto mais acabados forem esses materiais (monumentos / textos), podem eles entrar no jogo da fruição estética. O lúdico gratuito é possível. O exercício de análise, possível, desejável e conveniente. Como forma de apreensão e como didáctica de transmissão.

A Antiguidade, como tempo e como objectos, é um património comum de cultura, e esta não deve ter guardiões apostados em afastar do convívio fruidor quem se aproxima nem zonas intocáveis. O ingresso nela apresenta riscos inevitáveis, supõe iniciação e aprendizagem e não pode ser realizado por procuração. Porém, reclamar sempre uma preparação especializada seria restringir o acesso a algo que é de todos e não pertence por direito a ninguém. Propor tal preparação depende da convicção de quem a oferece, mas a ceitá-la supõe, não raras vezes, a ascese de um descomprometimento largo, quando não o discernimento capaz de ultrapassar a mediania / mediocridade do ofertante. Que, diga-se, não é mais que um intermediário.

Jogar será, no fundo, uma atitude mais liberta, porque mais simples. Mais salutar? Jogar para ver como funciona. Impulsionado pelo gosto de abrir segredos. Nem sempre o risco será o de Pandora. E, quando quem joga,

desafia o jogo de Plauto, ainda que sem a malícia de provar que a comédia hoje, neste vale de lágrimas, não tem sentido nem é possível, vale a pena experimentar. Até porque todos estamos necessitados da Festa. Do ritual. Do actor. Da máscara (trágica ou cômica). Do espectáculo. Será talvez aí o princípio do reencontro. E a Antiguidade não está afinal tão longe de nós que não actue nesse sentido e não mereça que lhe continuemos a dedicar atenção e a inventar processos de com ela conviver.

Este número de *Classica* aposta em várias das dimensões apontadas. No lúdico de fruição, no lúdico de construção. Na análise de textos e de materiais. Na reconstituição e na apresentação, em esquemas nossos, humildes e simples, de realidades bem chegadas. Na recolha de elementos que documentam zonas de interesse dentro das coisas que nos dizem respeito. Qui seramos que a crítica de dados fosse mais larga e englobasse inclusivamente, e já, elementos que aqui figuram e asserções que aqui são feitas. Fica, pelo menos, lançada a sugestão.

Começamos por uma entrevista com um dos membros da Companhia de Teatro da Cornucópia, que, alguns meses atrás, se abalançou a um exercício teatral sobre Plauto; a par da entrevista, fornecemos os textos (embora não na totalidade) que entraram na representação. A reconstituição do teatro romano de Lisboa integra-se numa perspectiva diferente, mas complementar. Como complementar, em metodologia de exercício de língua, é o pequeno texto latino que propomos à consideração e à utilização. A questão do Latim, e das Línguas Clássicas, em conjunto, volta a pôr-se; aqui e pelo mundo além.

Classica faz-se eco de diferentes problemáticas. Não como ponto de partida que não é. Mas como multiplicador de sinais que deseja ser.

A. N.